

QUERIDO BEBÊ

Um romance sobre ~~planos~~
imprevistos e encontros

JULIA
BRAGA



QUERIDO BEBÊ

Um romance sobre planos
imprevistos e encontros

JULIA
BRAGA



2ª edição

Rio de Janeiro / 2021 MEMÓRIA VISUAL

Copyright © 2020 Julia Braga

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998.

É proibida a reprodução total e parcial, por quaisquer meios sem a expressão anuência da editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

PRODUÇÃO EDITORIAL

mapa lab

REVISÃO

Anna Beatriz Seilhe

ELABORAÇÃO DO PARATEXTO

Ana Paula Costa

CAPA, PROJETO GRÁFICO

E DIAGRAMAÇÃO

Adriana Cataldo | Cataldo Design

ILUSTRAÇÃO CAPA

Shutterstock

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

B813q Braga, Julia.

Querido bebê : um romance sobre planos
imprevistos e encontros / Julia Braga. – 2ª ed. – Rio de
Janeiro: Memória Visual, 2021.

400 p. ; 20,5 cm.

ISBN 978-65-86367-10-2

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD B869.3

CDU 821.134.3(81)-3

Bibliotecária: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963



MEMÓRIA VISUAL

/memoriavisual



@memoria_visual



Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Memória Visual

Av. Getúlio de Moura, 173/sala 103

Centro, CEP 26510-000, Nilópolis, RJ

Tel.: 21-2537-8786

www.memoriavisual.com.br

*Para todos que chegaram ao fim do mundo
e sobreviveram para contar história.*

QUERIDO BEBÊ,

Espera. Acho que talvez “querido” não seja o termo apropriado, porque dá a entender que eu *quero* você. E eu não quero.

Não, não me entenda mal. Não estou dizendo que eu te *odeio* nem nada assim. É só que... Se eu pudesse escolher, você não existiria.

Eu sei que é uma coisa horrível de se dizer a um bebê. *Eu sei*. Mesmo que você ainda não tenha orelhas para me escutar, nem olhos para ler isso aqui.

Ou é o que eu acho.

Se eu me lembro bem das aulas de biologia, nesse exato momento você é apenas uma minhoca, que se parece com qualquer coisa menos com um ser humano.

O fato, bebê, é que você meio que veio em péssima hora. Sei que não é sua culpa, mas agora que você existe aí dentro eu estou arruinada.

Minha vida poderia ter sido brilhante. Eu sempre fui uma boa aluna, uma boa filha, uma boa amiga, uma boa pessoa. Sempre fui confiável e precavida e inteligente e esperta. Meu futuro sempre foi uma grande promessa de espetáculo com um letrreiro néon convidativo e centenas de fãs fiéis. Todas as apostas sempre estiveram em mim.

Mas por causa de um deslize....

Um pequeno deslize...

Aqui está você.

E com você o fim da minha vida.

Postado em 6 de março de 2015 por Mãe Adolescente.



SÃO 8H27 DE UMA QUINTA-FEIRA, E ESTOU VOMITANDO.

Se Ju estivesse aqui comigo agora, ela certamente diria algo como “Se não consegue segurar a bebida, nem desce pra brincar”, porque essa é a versão dela de uma piadinha saudável entre melhores amigas.

Acontece que meu vômito não tem nada a ver com bebida. Não diretamente, pelo menos. Mas Ju não tem como saber disso, porque eu não contei para ela.

Sim, ela é minha melhor amiga... Mas isso não significa que ela seja uma *boa* amiga.

Na verdade, Ju é uma péssima amiga.

No quinto ano, quando eu tive dor de barriga na festa de Leo Carvalho, ela espalhou para todo mundo que eu estava com diarreia. Daí eu tive que aguentar piadinhas com a palavra “caganeira” pelo restante do ano, até que Ângela Nogueira fez xixi na cama em uma festa do pijama, e o foco foi finalmente desviado de mim.

E por isso não contei para a Ju sobre o que está acontecendo.

Ela pode ser bastante cruel. Se descobrir o que realmente está acontecendo comigo... Se contar para todo mundo da escola... Eu estou *ferrada*.

Sou acometida por uma nova onda de enjoo e vômito até sentir minha garganta arranhar, pedindo trégua. Encosto meu rosto contra a porcelana fria da privada e suspiro.

Bem, *mais* ferrada do que eu já estou.

E, para ser justa, a primeira parte da “ferração” eu fiz completamente sozinha. Quer dizer. Não *sozinha*. Mas você me entendeu.

Vômito outra vez e dessa vez as lágrimas saem junto com o vômito até que meu rosto inteiro parece uma confusão de fluidos corporais indesejados e maquiagem borrada.

Bem... Essa é a minha vida agora, eu acho.

A partir desse momento, não tem mais como melhorar. Esse é o pico da minha existência, e daqui para a frente é só ladeira abaixo.

É duro dizer isso, ainda mais quando estou ajoelhada no chão frio do banheiro do terceiro andar da minha escola, colocando minhas tripas para fora, e não é nem a hora do intervalo.

E eu tinha tanto potencial!

Sempre tirei as melhores notas da sala e há três anos sou a representante da turma votada por unanimidade. Dediquei anos da minha vida me tornando boa o suficiente em uma porção de coisas, como atuação, canto, natação, balé e culinária. Falo três línguas fluentemente e ando com a galera mais *cool* da escola. Não estou falando isso para me gabar... Afinal, tudo isso não significa mais nada agora que estou grávida.

Sim, esse é o grande mistério, a enorme revelação que não contei nem mesmo à minha melhor amiga, a razão por trás dos meus enjoos matinais.

Eu estou grávida.

E o pior de tudo é que... Eu não sei como isso foi acontecer.

Quer dizer. Claro que eu sei. Não sou *burra*.

Mas é justamente por isso que eu *não sei*. Simplesmente não entendo. Se eu não sou burra, como deixei isso acontecer comigo mesma? Eu sei de onde vêm os bebês, sei como evitá-los e sei que engravidar no ano do vestibular é uma péssima ideia. O que foi que fiz comigo mesma, meu Deus?

A porta do banheiro se abre, me assustando, mas estou fragilizada demais para ter qualquer reação rápida ou coerente.

Vim para este banheiro justamente pela privacidade, afinal não há salas de aulas nesse andar — apenas laboratórios. Mas parece que minha nova companhia também veio para cá desejando a mesma coisa. A primeira coisa que noto é o cigarro em sua mão.

A segunda coisa que noto é que não se trata de uma garota qualquer.

É a Natasha Bernardes.

Eu a reconheço mesmo por trás das lágrimas que bloqueiam meus olhos, afinal Natasha Bernardes é inconfundível, com sua maquiagem pesada em tons de preto, a blusa escura de manga comprida

por baixo do uniforme cinza da escola, o piercing no septo e sua cara generalizada de maldade gótica.

Natasha é da minha turma há pelo menos dois anos, mas ninguém gosta dela. Talvez seja aquele tipo de rixa adolescente que gira em torno do argumento “o diferente é ruim”, mas, desde que eu me lembro, ela sempre foi alvo de piadas bastantes grosseiras.

Eu me encolho, pensando que agora ela pode ter sua doce vingança sobre mim, a garota vulnerável vomitando no banheiro do terceiro andar.

Não que eu pessoalmente tenha feito qualquer uma dessas piadas, mas meio que ando com as pessoas que fazem... e eu nunca disse nada para impedi-los. Eu nunca disse nada do tipo “Ei, galera, isso não é legal. Ela é só uma garota normal, tentando sobreviver ao ensino médio, assim como todos nós”. E acho que não dizer nada é quase tão ruim quanto fazer as piadas ou rir delas. Deboche por omissão. Querendo ou não, eu meio que sou parte do bullying que ela sofre na escola.

E isso é ainda mais terrível porque nesse exato momento Natasha me tem completamente em suas mãos.

Ela pode me arruinar, se quiser. É só dizer as palavras certas para as pessoas certas e bam! Ela vai subir para o topo da cadeia alimentar e eu serei jogada às traças. E nem vou precisar da Ju para fazer isso por mim.

— Isabela? — sussurra Natasha. Ela se ajoelha na minha frente. — Está tudo bem?

Eu levo alguns instantes para me convencer que aquilo não é uma alucinação ou alguma estratégia para acabar comigo de um jeito ainda pior depois de conquistar minha confiança.

Ergo a cabeça, sentindo o mundo rodar por um instante.

— Você não vai zoar com a minha cara? — pergunto com a voz rouca.

Afinal, ela tem todos os motivos para me detonar. Todo o direito, até.

— Não sou o tipo de pessoa que você pensa que eu sou — murmura baixo, quase como um resmungo, então toma minhas mãos nas suas, buscando meu olhar. — Vem aqui. Você precisa de um abraço?

A pergunta me pega completamente de surpresa. De todas as pessoas da escola, Natasha era a última de quem eu esperaria uma oferta de abraço. E, sim, estou incluindo nosso professor carrasco de Física, e não só porque ele secretamente me adora (sou sua melhor aluna), mas porque nunca vi Natasha tendo qualquer espécie de contato físico com outro ser humano.

A surpresa também se estende para o fato de que estou incontestavelmente carente. Estou me sentindo sozinha no mundo, distante da realidade, e um abraço cairia muito bem agora. Não que eu me sinta merecedora de um abraço de Natasha, mas sou fraca demais para recusar. Faço que sim com a cabeça, voltando a chorar descontroladamente.

Um tanto sem jeito, Natasha me puxa para longe da privada e me envolve em seus braços, me deixando repousar a cabeça em seu ombro, e nem mesmo reclama quando as minhas lágrimas formam um pequeno círculo no ombro de sua blusa preta de manga comprida.

Eu não poderia imaginar essa cena nem mesmo em um milhão de anos. Eu e Natasha sentadas no chão do banheiro, abraçadas como melhores amigas.

Mas é claro que eu também não imaginava ficar grávida no início do terceiro ano do ensino médio.

É como dizem: circunstâncias adversas fazem surgir as mais improváveis amizades.

Após alguns segundos de choro silencioso da minha parte, Natasha segura o meu rosto com delicadeza, olhando nos meus olhos. Afasta alguns fios de cabelo grudados pelas lágrimas da minha bochecha e seca a pele embaixo do meu olho com a barra da manga.

— Vai ficar tudo bem — me garante em um tom de voz surpreendentemente suave.

Eu sei que ela só está querendo ser otimista e me confortar, mas é muito difícil me sentir consolada por suas palavras, porque sei bem que não vai ficar tudo bem. “Tudo bem” é uma expressão que a partir de agora foi eliminada do meu vocabulário. Nunca mais na minha vida terei a oportunidade de usar “tudo bem”, porque nunca mais *tudo* estará *bem*. Quero dizer isso a Natasha, quero gritar isso para o mundo, mas tudo o que consigo fazer é soluçar e derramar mais lágrimas.

Natasha puxa minha cabeça de volta ao seu peito, acariciando o meu cabelo com gentileza.

Eu não esperaria isso dela nem em um milhão de anos, mas é claro que eu estava sendo injusta e preconceituosa. Só porque ela é basicamente o estereótipo de uma pessoa gótica, com várias tatuagens, piercings, um cabelo comprido demais, liso demais e pintado de vermelho demais... Só porque usa roupas pretas, maquiagem pesada e acessórios com espetos metálicos, sem falar na gargantilha preta de couro, tão apertada em seu pescoço que é realmente um mistério que ainda não tenha sufocado até a morte... Só porque ela tem uma aparência intimidante... Isso não significa que ela não tenha um coração. Só porque ela é retraída e geralmente grossa, isso não significa que ela me odeie. Não significa, como eu costumava pensar, que ela sinta prazer no sofrimento alheio.

Somos colegas de turma por tanto tempo, e eu nunca esperaria ser tratada desse jeito. Eu acho que isso meio que significa que *eu* sou a pessoa má da história, e não ela.

— E o babaca, o que disse? — pergunta Natasha, depois que eu me acalmo um pouco.

Me afasto dela e a observo, estreitando os olhos.

— Como assim? De quem está falando?

— Do pai da criança, óbvio. — Ela revira os olhos. — O que ele disse quando você contou que estava grávida?

Eu engasgo com o ar. Estou tão chocada com as palavras dela que crio forças para me erguer do chão e caminhar lentamente até a pia, tentando manter a compostura e falhando miseravelmente. Minhas mãos estão tremendo. Apoio-as na beirada da pia para ten-

tar disfarçar. Natasha me observa em silêncio, aguardando a minha reação. Respiro fundo.

— Como você descobriu? — pergunto após um tempo, porque sei que não tenho mais como negar.

Natasha dá de ombros.

— Só juntei dois mais dois — diz ela. — Seu sumiço repentino na semana passada. — Ela levanta um dedo, contando. — O enjoo. — Levanta o segundo dedo e aponta para a privada suja em um dos cubículos, onde ela me encontrou alguns minutos atrás. — O desequilíbrio emocional. — Levantando o terceiro dedo, aponta para a minha cara chorosa como evidência. — Não foi nenhum mistério, na verdade — completa, dando de ombros outra vez.

Eu suspiro, preocupada. Afinal, se descobrir o meu “segredo” foi tão fácil para ela, quem garante que o resto da escola não esteja sabendo também?

— Está assim tão na cara? — pergunto num fiapo de voz.

O rosto de Natasha se contorce numa expressão de pena. Ela sorri de leve para mim pelo espelho.

— Não se preocupe — diz. — Ninguém mais nesse lugar é inteligente o suficiente para perceber as pistas. Seu segredo está a salvo.

Abaixo os olhos.

— Ótimo — digo. — Porque só eu e você sabemos sobre isso — aponto para a minha barriga, vagamente. — E eu preferia que as coisas continuassem assim — concluo, numa tentativa de soar ameaçadora.

Quando volto a levantar os olhos, Natasha ainda me olha com uma expressão neutra, mas tem uma das sobrancelhas erguidas.

— Isso quer dizer que o pai da criança não está sabendo?

Suspiro e faço que sim.

Parte de mim espera que ela vá começar com um discurso moral sobre como ele tem todo o direito de saber, afinal o meu bebê carrega metade de seu DNA, e sobre como estou sendo injusta e antiética de esconder dele uma informação como essa.

Mas Natasha não diz nada disso. Ela apenas suspira e coloca uma mão amigável sobre o meu ombro.

— Há quanto tempo você sabe? Por quanto tempo carregou esse segredo sozinha?

Começo a chorar outra vez.

Sem perguntar mais nada, ela me puxa para outro abraço. Dessa vez, me abraça com muita sinceridade. Não sei explicar exatamente como é um abraço sincero; não consigo dizer em que ele se diferencia de um abraço convencional. Mas Natasha está me abraçando como se cada fibra de seu corpo *quisesse* me abraçar. Isso me faz querer chorar mais. Não estou acostumada a tamanha bondade.

— Uma semana. — Eu soluço finalmente.

Sim, uma semana.

Sete dias de pura tortura.

Na quarta-feira passada, depois de notar sinais estranhos acontecendo no meu corpo, passei na farmácia e comprei um teste de gravidez. Daí, quando deu positivo, quase entrei em desespero, e comprei mais dois só para garantir que tinha sido um erro. Então, quando todos eles deram positivo, entrei em desespero de verdade.

O segredo me corroeu inteira por dentro, mas eu sabia muito bem que ele faria muito mais mal fora de mim do que dentro, então fiquei de boca fechada. Se alguém mais descobrisse, eu estaria ainda mais ferrada, porque não teria que lidar apenas com os meus pensamentos confusos, mas também com a opinião severa de outras pessoas. Por isso, mantive aquilo só para mim. E, se eu pudesse ter escondido de mim própria, teria feito isso. Infelizmente, sempre fui boa *demais* em biologia para poder ignorar os óbvios sinais. É isso que dá ser nerd.

— Uma semana é muita coisa — diz Natasha, ainda me abraçando.

O abraço se desmancha aos poucos. Ficamos as duas recostadas contra a pia de inox do banheiro da escola, respirando

fundo e olhando para o teto. Não sei o que ela está pensando. Talvez esteja me julgando. Provavelmente está, agora que eu paro para pensar nisso. No lugar dela, eu estaria julgando. Julgando muito.

Afinal, quão burra você precisa ser para engravidar no ano do vestibular?

Natasha quebra o silêncio de repente.

— Você já pensou em...? — Ela não completa, mas faz um gesto como uma faca atravessando a barriga.

Eu sei o que quer dizer. Aborto. Adeus, bebê, e olá, vida normal.

Faço que sim com a cabeça, discretamente. Sim, é claro que já pensei nisso. Quem não teria pensado? Que garota de dezesseis anos prestes a ter sua vida toda jogada no lixo não teria pensado na solução mais óbvia para todos os seus problemas?

— Mas não quero — digo em voz alta, surpreendendo até a mim mesma.

Até esse momento, nem eu mesma sabia que não queria. Até esse momento, as possibilidades estavam todas em aberto.

— Por que não? — pergunta Natasha.

Dou de ombros. Não sei responder. Porque não. Porque me sinto responsável. Porque não tenho coragem. Porque tenho medo que doa. Porque é ilegal. Porque ele ou ela (ou seja quem for) não tem culpa da minha estupidez. Porque parte de mim, uma parte completamente pirada, quer ver no que tudo isso vai dar. Porque... Porque não sei.

Natasha assente, parecendo não querer forçar a barra.

— Então você vai ficar com isso — afirma ela, colocando as mãos na cintura numa pose estilo mulher-maravilha. Não de forma ofensiva, mas como quem diz “Ok, vamos lá!”.

— Não é um “isso”. É um bebê — corrijo e já me sinto idiota por estar defendendo esse minúsculo grãozinho de areia que vai arruinar a minha vida. — Mas, sim. Acho que vou ficar com ele.

— Tudo bem então. — Ela sorri de lado, prendendo meus cabelos atrás das orelhas. — É um primeiro passo. Uma primeira deci-

são. Agora acho melhor voltarmos para a aula, antes que mandem uma equipe de resgate.

Natasha me ajuda a lavar o rosto e arrumar os fios de cabelo fora do lugar, refazendo o meu rabo de cavalo. Quando saímos do banheiro, ninguém poderia dizer que eu estive chorando. Ninguém teria como saber, só de me olhar, que esse é o começo do fim da minha vida.



QUANDO NATASHA E EU VOLTAMOS PARA A SALA, o professor de geografia para de falar no meio de uma fala para olhar nós duas. Seu olhar oscila de Natasha para mim, volta para Natasha e para mim.

— Desculpe — murmuro, forçando um sorriso antes que tudo aquilo fique ainda mais constrangedor.

Todos estão olhando para nós agora.

Só quando Natasha se afasta de mim, parecendo um pouco constrangida com toda a atenção, é que me passa pela cabeça que a maioria das pessoas deve estar se perguntando o que estou fazendo na companhia de alguém como ela. Eu me sinto mal. Afinal, alguns minutos atrás, ela meio que estava salvando a minha vida.

O sinal anunciando o final da aula toca de repente, e o professor dispensa o restante da turma com um aviso de tarefa de casa que nem metade dos alunos escuta. As pessoas vão se dispersando aos poucos, e o professor se aproxima de nós duas. Ele ignora Natasha, olhando diretamente para mim. Sua expressão é preocupada.

— Isabela, está tudo bem? — pergunta. — Você saiu da sala há uns quarenta minutos.

Eu olho para Natasha. Tudo bem que ela saiu da aula depois de mim, mas também passou um bom tempo fora. Por que só eu ganhei a pergunta preocupada?

O professor segue o meu olhar, mas, ao perceber que se trata de Natasha, ele volta a me encarar.

— Isabela? — insiste. — Está se sentindo mal?

Entendo de repente por que a preocupação dele está direcionada apenas para mim.

Modéstia à parte, eu sou uma excelente aluna. Talvez a melhor. Eu não costumo faltar aulas ou mesmo passar tempo demais fora da sala. Normalmente, lá estou eu, na primeira fileira, prestando atenção em tudo, fazendo minhas anotações para tirar dez em todas as provas, como a boa ovelhinha obediente que sou.

Natasha, por outro lado, não é uma boa aluna. Acho que ela não pode nem ser considerada uma aluna “mediana”. Ela tira notas ruins e matar aulas é um hobby pessoal. O professor já está acostumado a esse tipo de comportamento vindo dela, então aquilo não o surpreende.

Ainda assim, acho o cúmulo da injustiça, afinal, dessa vez, a única razão para Natasha ter demorado tanto no banheiro foi para se certificar de que eu não iria me afogar no meu próprio vômito. Ou nas minhas próprias lágrimas.

Ergo o queixo e respiro fundo.

— Sim — respondo, forçando um sorriso. — Eu me senti meio enjoada, mas por sorte Natasha estava por perto para me ajudar.

O professor olha para ela e estreita os olhos, não acreditando muito na história.

— Princesa, você anda tendo muitos enjoos. — Diego se aproxima, me abraçando por trás. — Se você não fosse mais virgem que Maria A Mãe de Deus, eu diria que está grávida.

Mesmo sem olhar para Natasha, sinto uma expressão de surpresa divertida em seu rosto. Sei que não posso cruzar o meu olhar com ela, ou vou me denunciar. Então olho para a frente, para o professor, sem ousar mover um músculo enquanto Diego aperta a minha cintura e encaixa a cabeça no espaço entre o meu pescoço e ombro.

A surpresa de Natasha não é exatamente sem fundamentos. Afinal, Diego é meu namorado.

Diego é meu namorado há mais de um ano.

Tudo bem ele ainda não saber que estou grávida; como deixei claro para Natasha, não contei a mais ninguém. Mas o fato de ele não saber que não sou mais virgem significa apenas uma coisa: meu namorado não é o pai do meu bebê.

Felizmente para mim, a frase de Diego não foi muito delicada (quem é que grita assim, em público, a condição sexual da própria namorada, ainda que não seja necessariamente a verdade?), então todos estão concentrados demais em parecerem cons-

trangidos para notarem que o meu rosto denuncia que aquilo que Diego falou não poderia estar mais distante da realidade.

Afinal, aqui estou eu, com um bebê idiota crescendo na minha barriga. Um bebê que não é dele.

— Olha, parece que dessa vez foi só comida estragada, então acho que a barra está limpa! — exclama Natasha num tom de falso divertimento, batendo nas costas de Diego como se fosse sua velha camarada.

O professor e os poucos alunos que ainda restaram na sala riem falsamente e percebem que é uma boa hora para ir embora e deixar para trás aquela situação constrangedora. Apenas eu, Natasha e Diego permanecemos parados no meio da sala. Ele ainda está me abraçando.

— Se conseguir ter alguma sorte com Bela antes dos noventa anos, você vai ser considerado um herói de guerra — diz Ju, se aproximando de nós. Ela coloca uma mão amigável sobre meu ombro. — Amiga, é como eu sempre te digo: se você descer do seu nobre castelinho e vier para o lado negro da força, vai se divertir bem mais.

Ela diz isso sorrindo, mas sei que se trata de mais um deboche sobre meu lado puritano. Só que agora é ainda mais patético, porque, adivinha?, eu *desci* do meu nobre castelinho, *passei* para “o lado negro da força” (certeza que Ju nem mesmo sabe que acabou de fazer uma referência geek), e agora aqui estou eu, *grávida*. Acho que não posso chamar isso de diversão.

Mas Ju não sabe disso. Ela não sabe de nada.

Então apenas forço uma risada sem graça para contentá-la, porque Ju odeia quando não riem de suas piadas.

Meu olhar encontra o de Natasha.

— Você vai ficar bem? — pergunta ela calmamente.

Eu provavelmente não vou ficar bem, nem de longe, mas Natasha já foi muito legal comigo e não tenho como exigir mais, então faço que sim com a cabeça.

— Ótimo... — murmura. — Porque eu preciso... ir... fazer... alguma coisa... lá... — diz atrapalhadamente, apontando para uma direção aleatória antes de caminhar para longe.

Quando ela vai embora, Diego e Ju começam a rir de forma quase descontrolada. Eu suspiro e, agora que Diego está distraído, consigo me desvencilhar de seu abraço. Caminho com calma até a minha carteira na primeira fileira, ignorando-os.

— O que foi isso? — pergunta Ju entre uma risada e outra.

— Não sabia que você era amiga da esquisita — comenta Diego.

Eu respiro fundo para conter minha vontade enorme de revirar os olhos.

— Ela não é tão ruim — digo, sem olhar para eles.

Sei que é pouco, perto do que Natasha fez por mim hoje, mas não se pode cobrar muito mais de uma adolescente grávida assustada. Não que eu particularmente me orgulhe de precisar usar essa desculpa, mas... Bem, a vida é um quebra-cabeça de jogadas de poder injustas. E não fui eu quem fez as regras.

— Não é *tão ruim*? — Ri Ju. — Dizem que ela matou uma garota na última escola. Isso não é ruim o suficiente pra você?

— São boatos — murmuro para mim mesma, não conseguindo acreditar que Ju usaria um argumento desses.

Não percebo Diego se aproximar, mas de repente ele está me abraçando por trás outra vez. Ele faz isso demais, e nunca tinha me irritado antes, mas acho que estou à flor da pele.

— Ela te ameaçou, princesa? — sussurra ao meu ouvido. — Ela pode ser bastante assustadora, eu entendo.

— Não é nada disso. — Eu me solto, me voltando irritada para eles dois. — Natasha é só uma garota normal tentando sobreviver ao inferno do ensino médio. Como todos nós.

— Pelo amor de Cristo, Isabela, o que deu em você hoje? — pergunta Ju em seu tom de voz condescendente.

— Nada, Judite. Me deixa em paz por um segundo, pode ser?

Ju detesta seu nome. Ela acha que a faz parecer velha demais. Diz que a média de idade das pessoas que se chamam Judite é 75 anos. Normalmente eu obedeco ao desejo dela de ser chamada pelo apelido jovial, mas nesse momento usar “Judite” é proposital para

afastá-la. Ela faz uma careta irritada, se virando para Diego em seguida como se perguntasse “Você acredita na petulância dessa garota?”.

Eu não me seguro e reviro os olhos. Dou as costas e saio da sala antes que qualquer um dos dois tenha a chance de dizer mais alguma coisa.

Encontro Natasha no banheiro do terceiro andar. Ela está fumando, mas apaga o cigarro, jogando-o em uma privada quando me vê entrar.

Nós ficamos em silêncio por um tempo, nenhuma das duas sabendo como começar aquela conversa. Depois, começamos a falar ao mesmo tempo.

— Isso faz mal pra você, sabia? — falo, apontando para a privada com o cigarro flutuante.

— Então você é a nova Virgem Maria — diz Natasha.

Nós trocamos um olhar sério por uns instantes antes de começarmos a rir. Então, começo a querer chorar. Natasha me puxa pelo cotovelo e, baixando a tampa de uma das privadas, me faz sentar sobre ela.

— Vou ignorar que você está querendo me julgar quando nem sou a grávida. Você está precisando conversar sobre isso — diz ela. — Desembucha.

Por um segundo, quero negar. É só um reflexo involuntário, porque normalmente as pessoas não estão interessadas em como está a minha vida, a não ser que eu tenha coisas incríveis para contar. Mas percebo que Natasha está interessada. Não propriamente na história, mas no fato de que, se eu colocar a história para fora, me sentirei melhor.

Então respiro fundo e começo a contar tudo para ela.

— Diego não é o pai — começo, embora essa parte já esteja óbvia.

Natasha assente calmamente.

— Que bom para essa criança — comenta. — Mas o que houve?

— Nós... terminamos no começo do ano. Foi quando aconteceu.

Acho importante frisar que não *traí* Diego. Não tecnicamente. Nós havíamos terminado. Terminado feio. Terminado para valer.

Tudo bem sermos conhecidos pelo nosso relacionamento instável. Já terminamos e reatamos mais vezes do que eu posso contar. Somos o típico casal vai-e-volta.

Mas juro que daquela vez, no início do ano, a coisa toda pareceu tremendamente oficial. Nós discutimos de verdade. Dissemos um ao outro coisas das quais nunca iremos nos esquecer.

Porém, por incrível que pareça, mesmo ele tendo me chamado de frígida, santinha do pau oco, e derivados, não perdi a minha virgindade como forma de vingança.

Simplesmente... aconteceu.

— Por que você nunca...? Com Diego? — pergunta Natasha cuidadosamente.

— Bem, não sei — respondo honestamente. — Nunca me pareceu... certo. Com ele. Sabe?

Ela assente.

— E pareceu certo com... quem quer que tenha sido?

Eu hesito.

Por meses, escondi essa história. Não contei nem a Ju, nem a minha mãe, nem a ninguém, nem mesmo escrevi no meu diário... Porque, na minha cabeça, enquanto eu mantiver o segredo, posso fingir que nunca aconteceu.

Não que seja uma história particularmente triste ou ruim ou mesmo longa.

É apenas uma história complicada.

É o que digo a Natasha, ao que ela dá de ombros e fala:

— Não pretendo voltar para a aula de álgebra tão cedo. Então, sou toda ouvidos.

Eu respiro fundo.

— Tudo começou com uma viagem de negócios...

QUERIDO BEBÊ,

Eu tive esses dias para pensar sobre isso e finalmente cheguei à conclusão de que é ridículo não usar a palavra “querido” apenas por não ser necessariamente verdade. Quer dizer, é um termo conhecido e tudo o mais, e posso usá-lo sem me comprometer. Não preciso dizer tudo no sentido literal. Pode ser só um modo de falar, né?

Enfim.

Querido bebê. Decidi que não vou, mesmo, tirar você daí de dentro à força.

Estou falando do grande “A”.

“Aborto”. Não “amor”.

Isso não significa que agora eu, magicamente, passei a querer você na minha vida. “Modo de falar”, lembra? Nada mudou com relação ao meu desejo de você sair da minha barriga e me deixar em paz...

Ou então... Tive uma ideia! Se é que esse negócio de reencarnação existe, por que você não volta para mim como... sei lá... como um *gato*? Gatos são tão fáceis de cuidar, e não estragam a vida das pessoas, não põem em risco todos os planos para o futuro. E, o mais importante de tudo, minha mãe não vai me matar se eu adotar um gato.

Certo, pense nisso. Pode ser uma boa opção para nós dois.

Postado em 8 de março de 2015 por Mãe Adolescente.



MEU PAI TRABALHA PARA UM CARA QUE É DONO DE METADE DE BRASÍLIA.

Acho que, se você for daqui, já sabe até de quem se trata, não é mesmo?

Alex Bosch é um megaempresário do ramo imobiliário que vive envolvido na política e, inclusive, já foi deputado distrital e concorreu a governador do DF.

Ele é o chefe do meu pai desde que eu me entendo por gente. Isso quer dizer que é praticamente da família. Ele estava no meu batizado, nas minhas festas de aniversário e até mesmo marcou presença em pelo menos uma das minhas peças de teatro da escola. Isso também quer dizer que o meu pai meio que precisa fazer tudo o que ele manda.

O que, no caso daquele dia, significava fazer uma viagem de negócios idiota para o exterior.

Devo deixar claro que o meu uso da palavra idiota é pura... bem, *birra*.

Tenho certeza de que a viagem não era tão idiota assim. Quer dizer, eles devem estar planejando algo muito importante, como em quem dar o próximo golpe ou a melhor maneira de esconder dólares na cueca.

Ainda assim, eu detesto de verdade quando meus pais viajam.

Sim, porque não bastava o meu pai ir — ele *precisava* arrastar minha mãe junto. E, agora que Nando, meu irmão mais velho, não mora mais conosco, é claro que eles não confiam em mim para cuidar da Clara, minha irmã mais nova. Ela já tem dez anos, mas na cabeça dos meus pais eu sou incapaz de fazer um miojo, colocar Tele-tubbies na televisão, ou seja lá o que mais for necessário para cuidar de uma criança. Então, quando eles viajam, mandam Clarinha para a casa da minha tia.

O fato é que, nessas ocasiões, eu fico sozinha em casa.

Naquela viagem no começo do ano, ia ser por uma semana inteira.

Acho que também é uma boa hora para mencionar que eu sou a pessoa mais medrosa da face da Terra e que o filme de terror que assisti cinco anos atrás ainda assombra minha mente toda vez que pisco os olhos ou passo por uma janela escura.

— Não seja dramática, Bela. Você vai sobreviver — disse minha mãe, me abraçando uma última vez.

Então, ela se virou e entrou na sala de embarque atrás do meu pai e do chefe dele. Tentei segurar as lágrimas, porque, mesmo que pudesse ser bonitinho fazer drama quando eu era pequenininha, não tem o mesmo charme agora que tenho dezesseis.

— Como vai voltar para casa? — perguntou Basti ao meu lado.

Foram as primeiras palavras dele direcionadas a mim desde que chegamos ao aeroporto para despachar nossos pais.

Basti é filho do chefe do meu pai.

Eu quase não o reconheci quando ele chegou. Não só por ele ter mudado muito desde a última vez que o vira, quando nós tínhamos uns treze ou catorze anos, mas também pelo fato de sua contraparte feminina estar ausente do cenário.

Basti tem uma irmã gêmea chamada Miranda. Desde sempre, os dois andam juntos, são Basti e Miranda, Miranda e Basti; uma coisa só, e não duas. Só faltou os dois terem nascido grudados. Quando a gente era menor, eles eram tão unidos que meu irmão costumava fazer umas piadas sobre *twincest*. Eu só fui entender depois de bem mais velha que Nando provavelmente estava falando de um incesto entre irmão gêmeos, e não de algum jogo parecido com Twister. Ou seja, ele inferia que por trás das cortinas Basti e Miranda deviam estar se pegando.

É estranho pensar nisso agora, quase nojento, e naquele dia eu amaldiçoei meu irmão mais velho em pensamento por ter plantado aquela semente da desconfiança na minha cabeça. Tente você olhar nos olhos desse garoto agora sem imaginar seus beijos secretos com a própria irmã. Argh!

Respirei fundo e forcei um sorriso, desviando os olhos por um instante.

— Uber — respondi.

— Nah. — Basti sorriu. — Vem comigo. Te dou uma carona.

Eu tentei argumentar que a minha casa ficava fora do caminho dele, mas até mesmo eu sabia que não estava em posição de recusar. Quando o filho do chefe do seu pai te oferece uma carona, as regras de etiqueta demandam que você diga sim.

Também não era como se eu não *quisesse* a carona. Meus pais tinham me dado dinheiro para sobrevivência básica e, se eu não fosse precisar do Uber, poderia embolsar uma boa quantia para o meu cofrinho pessoal. Eu é que não ia reclamar disso.

O motorista abriu a porta de trás do carro chique da família Bosch, e Basti e eu escorregamos para dentro.

Nossas pernas estavam se tocando. Eu estava completamente consciente do tecido áspero de sua calça jeans de marca roçando contra a parte da minha perna que não estava coberta pelo vestido. O contato era estranhamente reconfortante, mas íntimo demais para dois quase-desconhecidos. Ainda assim, eu não tive coragem de afastar a minha perna. Era uma daquelas situações que, afastando-a, eu chamaria ainda mais atenção para o fato de elas estarem se tocando do que se eu ficasse ali parada sem fazer nada. Então, não afastei a minha perna. E nem ele a dele.

Sem querer, quando o carro começou a andar, eu me distraí colocando o cinto de segurança e acabei movendo a maldita perna. Quando percebi, já era tarde demais para voltar para o lugar original sem parecer desesperada. Mas bem que eu queria.

Talvez eu deva mencionar que, duas semanas antes, eu tinha terminado para valer (ou pelo menos o que eu achava que era para valer) com o meu namorado de mais de um ano.

Talvez esse fato explique, em parte, a loucura da minha carência.

Ou talvez não.

Passamos em silêncio toda a primeira parte do caminho. Era um daqueles silêncios constrangedores que dão a impressão de que você está dentro de uma câmara de pressão e que seus tímpanos estão prestes a explodir pela falta completa de som.

Em certo ponto, não aguentei mais.

— Obrigada pela carona — disse.

— Não há de quê — respondeu Basti, após uns poucos instantes parecendo surpreso por eu ter finalmente me manifestado.

Ficamos calados pelos dois quilômetros seguintes.

— Onde está a sua irmãzinha? — perguntou, quebrando o silêncio antes que se tornasse tão torturante quanto antes. — Pensei que ela viria se despedir também.

— Ah. Não. Não, não. — Sorrio, atrapalhada, erguendo meus olhos para encontrar os dele. — Ela se despediu antes. Foi passar a semana na casa da minha tia, em Goiânia. Aparentemente, não sou responsável o suficiente para cuidar de uma garotinha de dez anos por uma semana.

Ele também sorriu.

— Mas pelo menos te consideram responsável o suficiente para cuidar de si mesma — comentou. — Eu, ha! Nem isso! Eu tenho o Alfred aqui para ser minha babá. — Ele apontou para o motorista com o polegar.

Eu ri, e então franzi a testa, fazendo uma careta divertida.

— O nome dele é Alfred mesmo? — sussurrei, curiosa.

No banco da frente, “Alfred” deu uma risada silenciosa.

— Tomás — corrigiu ele em um tom de voz polido, sorrindo para mim pelo retrovisor.

— Mas pode chamar de Alfred! — disse Basti. — Colabora com a minha fantasia de que eu, secretamente, sou o Batman. O que, é claro, é a fantasia de toda criança rica.

Eu gargalhei, me divertindo horrores com aquela conversa boba.

— De toda criança pobre também — argumentei. Embora eu não seja exatamente de classe baixa, perto da fortuna do pai do Basti nem me comparo. — A diferença é que nós, meros mortais, não temos recursos para virarmos o Batman, nem se quiséssemos. Qual é a sua desculpa, então?

— Bem, vamos ver... — Basti mordeu os lábios em uma falsa expressão pensativa. — Meus pais não foram assassinados brutal-

mente na minha frente. Acho que sem isso fica meio difícil me sentir guiado por uma sede incontrolável de vingança e justiça.

— Faz sentido — concedi.

— Além do mais, acho que a culpa é do meu Alfred também. — Basti se inclinou para a frente para poder provocar o motorista. — Ele é um *péssimo* Alfred.

Ele não percebeu de imediato, mas, para se inclinar para a frente, ele precisou usar o meu joelho como apoio para sua mão.

Eu percebi de imediato.

Quando Basti se virou para mim, ele viu que eu estava olhando para a sua mão em meu joelho e a retirou, alarmado. Nossos olhos se encontraram por um microssegundo que disse tudo, mas nossas bocas não disseram nada.

Na realidade, eu até meio que *queria* ter dito alguma coisa. Parte de mim queria dizer “Não tem problema”. Outra parte de mim, aquela parte carente, queria ir além, e dizer algo ridículo como “Pode colocar de volta”.

Mas eu não disse nada. E nem Basti. Ficamos apenas olhando um para o outro, que nem dois idiotas, em um silêncio cúmplice, mas fatal.

— Não sou seu mordomo, Batman — retrucou Tomás com uma risada debochada, alheio ao que estava acontecendo no banco de trás.

Basti limpou a garganta e cruzou os braços, afastando o seu corpo do meu uns bons três palmos.

— Mordomo, babá, motorista. Tudo dá no mesmo, Alfred.

Eu soltei uma risada sem vontade.

Passamos mais alguns quilômetros em silêncio.

— Onde está a sua sombra? — perguntei, enfim. Arregalei os olhos, percebendo a palavra que tinha usado, e tentei consertar: — Quer dizer, sua *irmã*. Miranda.

Bem, podia ter sido pior. Pelo menos eu não me referi a Miranda como “sua cara metade”, “sua namorada secreta” ou “sua alma literalmente gêmea”.

Basti pareceu não notar meu pânico interno ou mesmo o pequeno deslize.

— Ela está na casa de uma amiga. Aparentemente, também não sou responsável o suficiente para cuidar dela. — Ele fez uma pequena pausa, sorrindo para o chão do carro. — É a sua primeira vez sozinha? — perguntou de repente.

— Completamente sozinha, sim — confessei. — Antes, eu costumava ficar com o meu irmão, mas agora ele... finalmente saiu de casa. Então, sim. Minha primeira vez sozinha.

— Está com medo?

Olhei para ele, espantada pela pergunta. Estava assim tão na cara? Tipo, eu nem mesmo estava carregando meu ursinho encardido chamado muito criativamente de Teddy. Achei que estivesse disfarçando bem.

— Isso é um sim? — arriscou Basti, estreitando os olhos. — Porque, se for, queria convidar você para passar a noite lá em casa.

Eu engasguei com o ar.

— Basti... — consegui murmurar com um micro-fiapo de voz.

— Ah! Não, não, não dessa forma, é *claro*. É só que as forças malignas do além tendem a deixar uma pessoa quieta quando ela tem companhia — explicou, atrapalhadamente. Como suas bochechas ficaram vermelhas, eu soube que o que estava falando não era por maldade. — Nem estou dizendo por você. Aposto que você é super valentona e enfrenta fantasmas aos socos sem nem estragar o penteadado. É por mim. Não sou exatamente fã de ficar sozinho em casa. Eu apreciaria a sua companhia, de verdade.

Olhei quase involuntariamente na direção do motorista. Minha pergunta silenciosa preencheu o ambiente, embora eu não tenha dito nada em voz alta. Como ele poderia estar sozinho se ele tinha o mordomo/babá/motorista?

— Sim, é claro, Tomás vai estar por lá também. Mas, juro, ele é completamente inútil para espantar os maus espíritos. — Basti arregalou os olhos como se para demonstrar um ponto. — Ele nem mesmo acredita que fobia de fantasmas é real, Bela. Ele diz que estou sendo infantil.

— Você tem quase dezoito anos, Sebastian. — Tomás suspirou, parecendo acostumado ao drama.

— Medo não tem prazo de validade, *Alfred*. — Basti revirou os olhos sorrindo, mas então se voltou para mim. — Sei que esse pedido parece estranho, assim do nada, mas juro que estou te convidando na mais pura das intenções. Nós temos um quarto de visitas, você sabe. Na verdade, temos três. Você pode até escolher.

— Basti, eu... — Mordi os lábios.

Eu estava sem argumentos, porque, realmente, que mal poderia ter? Lá estava eu, apavorada de ficar sozinha em meu apartamento escuro, e lá estava o filho do chefe do meu pai praticamente entregando nas minhas mãos a chave da sua mansão particular. Na pior das hipóteses, eu iria dormir em uma cama com travesseiros de penas de ganso e lençóis egípcios.

— Por favor, Bela! — insistiu Basti, mordendo o cantinho do lábio de um jeito que poderia ser considerado adorável por uma garota desavisada. — Nossos pais se conhecem há décadas, você é praticamente da minha família. Não vou tirar vantagem de você, se é com isso que está preocupada.

Eu não estava preocupada exatamente com isso até ele mencionar. Quer dizer, se as teorias de Nando estavam certas, ser “praticamente da família” não o impediria de se aproveitar do meu corpinho.

Mas, em seguida, me peguei rindo desse meu receio idiota.

— Tudo bem — falei. — Mas vou mandar uma mensagem para Ju avisando que estarei com você. Se você inventar de me matar a machadadas para divertir o seu sadismo de garoto rico, saiba que vai ser o principal suspeito nas investigações.

Basti riu abertamente.

— Claro. — Ele fingiu ficar sério por um instante. — Vou tentar controlar meus impulsos de garoto rico. Alfred, quando chegarmos, tranque a sala dos instrumentos de tortura e... engula a chave. Pra que eu nem mesmo tenha a opção de não resistir às tentações.

Tomás revirou os olhos, mas pegou o próximo retorno, fazendo o caminho para o setor de mansões.

— Garoto, acho melhor nem pensar em assassiná-la. Eu seria o primeiro a te denunciar para a polícia — disse ele com um sorriso leve. — E você, definitivamente, não se daria bem na prisão, Batman.

Eu não estava olhando para Basti, mas sabia que ele estava sorrindo de volta.